Por que o Brasil saiu do Mapa da Fome duas vezes?

Videocast "Tá na Mesa" (MDS) — episódio 1 da série de seis episódios — https://www.youtube.com/watch?v=kdVWn4AhLjs

Apresentação: Érica Braz e Isadora Santos. Convidados: Wellington Dias (ministro do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome) e o professor Joel “Divo” Marques, professor piauiense da rede pública do Distrito Federal e de Goiás, que viralizou nas redes sociais. Participação em vídeo: Lucinéia de Jesus Domingos (comunidade quilombola Chácara Buriti, zona rural de Campo Grande, MS).

1. Transcrição integral editada

Vinheta de abertura

Joel: A fome foi minha amiga, minha inimiga. Eu dormia e acordava pensando no próximo alimento, na próxima comida. Mas, naquele dia, baixei a cabeça, comecei a escrever e tudo começou a ficar escuro. Comecei a suar, o caderno ficou todo molhado, e eu desmaiei. Alguém disse: "Olha, ele está desmaiando!". Era fome. Uma criança que não se alimenta, se não desmaiar, morre.

Apresentação do episódio e dos convidados

Érica Braz: Bem-vindos ao *Tá na Mesa*, um espaço aberto de conversa sobre o Brasil. Eu sou Érica Braz, e minha parceira na apresentação é a Isadora.

Isadora Santos: Oi, Érica. Oi, pessoal.

Érica Braz: A ideia aqui é trazer para a mesa assuntos que tomam conta da mesa do brasileiro — ou que pelo menos deveriam tomar —, seja a mesa de casa, do trabalho ou até a mesa do bar. E, para começar o primeiro episódio do videocast do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, vamos receber convidados que conhecem o tema a partir de vários lugares, posições e cargos.

Isadora Santos: O primeiro deles foi governador do Piauí por quatro mandatos [e tem longa atuação no combate à] fome e à pobreza; foi também senador e atualmente é ministro do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome: o ministro Wellington Dias. Seja bem-vindo ao *Tá na Mesa*. Tudo bem com o senhor?

Wellington Dias: Tudo bem. Primeiro, é um prazer. Estou muito feliz aqui, achando tudo bonito. E é uma alegria estar também ao lado do meu querido Joel. Sou um admirador da história dele, do seu trabalho e do carinho com que as pessoas sempre recebem suas ideias — da sua capacidade de arte; eu digo que ele faz arte.

Érica Braz: Exatamente. O ministro não veio sozinho. O nosso segundo convidado é professor, piauiense como o ministro, e um fenômeno das redes sociais. Vou cantar só um pedacinho para vocês descobrirem quem é: "*Oh, you're looking for...*". O meme é dele! Joel, seja muito bem-vindo ao *Tá na Mesa*.

Joel: Obrigado, meninas. Obrigado pelo convite; estou muito feliz. E obrigado também por estar ao lado do ministro, que eu não conhecia pessoalmente. Vi muita história, lá no Piauí, do governador Wellington Dias, e hoje ele está no cargo de ministro do Desenvolvimento e Combate à Fome. Fico feliz pelo convite e espero colaborar com as nossas vivências relacionadas a esse tema.

Isadora Santos: A cerveja só no terceiro [episódio], infelizmente. Da próxima vez a gente anota.

Joel: E limão, viu?

Isadora Santos: Combinado, e o limão. Joel, você imaginava que aquele vídeo com a Shakira e uma *long neck* ia te trazer a uma mesa com o ministro Wellington Dias para falar de combate à fome e de política pública?

Joel: Olha, aprendi que na vida tudo é possível. A partir de agora, eu consigo perceber isso. Nós, lá do Piauí — vou falar assim, acho que você vai entender —, temos a percepção de que as coisas não acontecem, não vão acontecer. Mas mudei minha percepção quando, do nada, me vi naquele megaevento mundial, com o mundo todo me vendo. Pensei: "Nossa, gente, como as coisas são possíveis". De fato, eu não imaginava que aquilo pudesse acontecer, mas aconteceu. E não só no show da Shakira, mas em outros grandes eventos; já fui convidado para tantos outros programas, e hoje sou convidado para este, o que me deixa muito feliz. E os vídeos não viralizaram só com a Shakira: viralizaram bem antes, com o meu dia a dia, a simplicidade do meu cotidiano, do meu sábado depois de 300 redações corrigidas. Fico muito feliz que isso esteja acontecendo comigo.

Wellington Dias: Bem, numa mesa com dois piauienses, eu diria que o erro não foi a cerveja, e sim não ter cajuína.

Érica Braz: Peço desculpas!

Wellington Dias: Mas ele falou do limão, e eu estava me lembrando agora: limão e alimento. Eu estava, Joel, na casa da minha mãe. Levei minha turminha de netos para visitá-la. Levei-os para tirar aquele talo de carnaúba para fazer cavalinho de pau, e eles acharam uma maravilha, levaram para a escola. Mas o fato é que o Miguelzinho, a Ester, o Arthur e a Júlia, que são meus netos, chegaram: "Vovô!", com um saquinho plástico na mão. "Vamos tirar limão!" Eu disse: "Opa, para aí, limão tem espinho. Deixa eu olhar aqui. Presta atenção: este que está mais amarelinho é o melhor para tirar. Cuidado com o espinho". Fiquei olhando, e eles tirando limão daqui e dali; bati o dedo no espinho. Daqui a pouco chegam com um saco de limão, e a Ester, a mais danadinha, diz: "Vovô, olha, agora nós temos um saco de limão". Olhei bem sério para eles: "Limão? E para que serve o limão?". Ela parou e disse: "Limão serve para fazer careta".

Érica Braz: Que bonitinha! Um beijo para os seus netos.

O que é o Mapa da Fome

Isadora Santos: Gente, a conversa de hoje fala justamente disso: de comida na mesa, de limão, de outras frutas e de toda essa riqueza que temos no Brasil. A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, a FAO, reafirmou que o Brasil continua fora do Mapa da Fome. Isso é muito importante para nós e para o mundo, mas também gera muitas dúvidas. Afinal, o que é o Mapa da Fome? O que é insegurança alimentar? O que significa sair do Mapa da Fome? Antes da conversa,

vamos entender melhor com um vídeo que a nossa produção preparou, porque insegurança alimentar é um termo que vamos usar bastante hoje. Vamos assistir.

Vídeo institucional (narração): Você sabe o que é o Mapa da Fome da ONU? O Mapa da Fome identifica os países em que as pessoas não têm acesso à quantidade necessária de nutrientes para uma vida saudável. O mapeamento é feito pela FAO, a agência da ONU para a Alimentação e a Agricultura, que considera um período de três anos para avaliar se um país está ou não no mapa. Isso evita que eventos isolados, como uma seca ou uma crise econômica pontual, alterem a classificação de um país.

Um país entra no Mapa da Fome quando mais de 2,5% de sua população vive em situação de subalimentação crônica — quando uma pessoa consome por dia menos calorias do que o necessário para uma vida saudável. Para sair do mapa, o país precisa ter a prevalência de subalimentação abaixo de 2,5%. O Mapa da Fome da ONU existe há mais de 30 anos, e, quando foi criado, o Brasil fazia parte dele.

Em 2014, o país deixou o Mapa da Fome pela primeira vez. A conquista foi impulsionada pela criação do Bolsa Família, pela valorização do salário mínimo, pelo fortalecimento da agricultura familiar, pelo aumento do emprego e pelo controle da inflação de alimentos. Mas, em 2022, quando a ONU divulgou a situação do triênio 2019–2021, o Brasil estava novamente nesse triste relatório. A partir de 2023, graças à retomada de políticas públicas que colocam a segurança alimentar e nutricional como prioridade, o Brasil saiu do Mapa da Fome mais uma vez. O mais recente Mapa da Fome da ONU, divulgado em 2026 e referente ao triênio 2023–2025, mostra que o Brasil se mantém fora da zona de alerta.

A parcela da população brasileira em insegurança alimentar severa registrou o menor nível da história, 0,6%, segundo a FAO. E a parcela de brasileiros com renda para sustentar uma dieta saudável aumentou, chegando a 79% da população: em números absolutos, 20 milhões de brasileiros passaram a ter condições de adquirir uma dieta saudável em 2025, na comparação com 2021. É o Brasil no caminho certo para que todos os brasileiros tenham segurança alimentar e nutricional.

Por que um grande produtor de alimentos ainda tem fome

Érica Braz: Acho que deu para entender um pouco melhor o que é o Mapa da Fome. Ministro, a primeira pergunta é para o senhor. Num país que é um dos maiores produtores de alimentos do mundo, por que isso ainda não faz com que o problema seja totalmente eliminado? Por que produzir alimento não significa automaticamente acabar com a fome?

Wellington Dias: Olha, o professor Joel é de uma geração um pouquinho depois da minha: eu estou com 64 anos, ele com 50. Mas vivemos um período, no Maranhão, no Piauí, no Brasil, em que havia fome porque o país não conseguia produzir alimento para todo mundo. Vinham as chamadas frentes de serviço: um sistema que, para dar comida, botava o povo para fazer uma estrada, alguma obra. As pessoas chegavam a se submeter a trabalhar por comida. Eu vi isso na minha família e na região onde eu morava, em São Miguel do Fidalgo, no Piauí: pessoas chegavam à casa da gente perguntando: "Tem alguma coisa para eu fazer? Trabalho na roça, trabalho em qualquer coisa, só precisa me dar comida". Essa era a realidade.

Só que o Brasil avançou — e agradecemos muito à Embrapa, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária —, multiplicando a produção: aquela lavoura de arroz que gerava três, quatro toneladas passou a gerar 14 toneladas no mesmo hectare. E assim com outros produtos: milho, feijão, mandioca.

O pé de caju, que levava 12 anos para dar a primeira produção, agora, com o cajueiro-anão precoce, já produz no segundo ano depois de plantada a muda. São avanços da ciência. O Brasil é o quarto maior produtor de alimentos do mundo e um dos grandes exportadores.

Então, como justificar que, num país que é o quarto maior produtor de alimentos, que produz mais do que o necessário para comer e ainda sobra para exportar, houvesse gente passando fome? Eram 33 milhões e 100 mil pessoas. O Brasil entrou no século XXI no Mapa da Fome. Em 2014, saiu. Foi um conjunto de programas: o Suas, Sistema Único de Assistência Social, integrado ao Sistema de Segurança Alimentar. O programa Fome Zero foi lançado no Piauí, em Guaribas — a cidade com mais fome do Brasil, que hoje já não está nem entre as 300. Porque o que se mede é a desnutrição e a subnutrição, num cruzamento de informações da rede de saúde: a pesagem da criança, os exames que as pessoas fazem. Esse relatório passou a ser obrigatório por esse acordo da ONU, por meio da FAO, junto com a Organização Mundial da Saúde.

Nós trabalhamos o Plano Brasil Sem Fome para tirar as pessoas da fome. E essa vitória é importante: lá atrás, levamos 11 anos para sair do Mapa da Fome; agora, saímos em dois anos. Isso é um recorde; nenhum país alcançou o que o Brasil alcançou. Muita eficiência: transferência de renda, Bolsa Família, BPC; a alimentação escolar — todo dia, nas escolas, os alunos, além de estudar, têm alimentação —, com aumento do valor. E agora a escola de tempo integral, que é fantástica. O presidente Lula esteve agora no meu estado, o Piauí, que é o estado brasileiro que já tem escola de tempo integral em todas as escolas da rede estadual, e 70% dos municípios também com escola de tempo integral. O aluno entra cedinho, toma café, tem o lanche, almoça, tem outro lanche, além da educação. Extraordinário. Professor Joel: é o melhor diploma do Piauí. Joel, nós éramos o segundo pior estado em educação do Brasil — só ganhávamos do Maranhão — e alcançamos, em 2025, o segundo melhor resultado do Brasil em educação. É um orgulho muito grande.

Há também o Cozinha Solidária e o Alimenta Cidades. Ontem eu estava com o Zeca Pagodinho no Alimenta Cidades, no Rio de Janeiro; ele mesmo tem uma experiência com o programa. A fome tem a ver com a renda, mas, por exemplo, Joel: uma família do campo, com renda mais baixa do que quem mora na cidade, mas que cria uma galinha, tem o ovo, tem uma vaquinha, tem o leite, tem menos desnutrição do que a da cidade. Por isso estamos estimulando também a produção na cidade. E o resultado: tiramos o Brasil do Mapa da Fome. Eu sempre digo que tirar da fome não é o fim; é só o primeiro passo, só o começo. Queremos trabalhar para tirar cada vez mais gente da pobreza. Muitas pessoas saíram da fome e agora temos também um recorde, o menor nível de pobreza: 25 milhões de pessoas saíram da pobreza.

A fome na história de vida do professor Joel

Isadora Santos: Joel, quando falamos de fome e segurança alimentar, não estamos falando só de números. É um assunto que também atravessa a sua história. O que você se sente confortável para nos contar sobre essa experiência?

Joel: O ministro falou de quem trabalhava por comida. Não sou tão da sua época, mas peguei um pedacinho. Lembro das plantações de arroz: as pessoas viajavam para a colheita do arroz, e o pagamento era arroz, não dinheiro. Meus pais contavam essa história; eles mesmos viajavam para essas zonas do interior. Na época da colheita, saíam recrutando pessoas da cidade, do bairro, da rua, para colher à mão.

Wellington Dias: Era em Miguel Alves?

Joel: Era em Parnarama, no Maranhão.

Wellington Dias: Ah, Parnarama, bem do outro lado do rio.

Joel: Isso, do outro lado. [Fica perto] de Palmeiras. A fome foi minha amiga, minha inimiga, e fez parte da minha vida por muitos anos. Já contei essa história de como desmaiei de fome na escola, porque vivíamos assim: dormíamos e acordávamos pensando no próximo alimento, na próxima comida, se ia ter. Muitas vezes demorava uma semana para chegar uma coisinha, e, quando chegava, era farinha ou massa de milho; não havia outro alimento.

Eu fui para a escola depois de uns dois dias sem comer nada. Era de manhãzinha — nem era escola, porque também não havia escola: era um quartinho onde uma mulher, uma professora, juntava os meninos para dar umas aulinhas. E eu ia com muito prazer. Mas, naquele dia, baixei a cabeça, comecei a escrever, e tudo começou a ficar escuro; comecei a suar, o caderno ficou todo molhado, e eu desmaiei. Alguém gritou: "Ele está desmaiando!". Era fome. Uma criança que não se alimenta, se não desmaia, morre. Depois, só escutei alguém mexendo uma colherzinha num copinho, adoçando um cafezinho com leite. Foi a única coisa que comi naquele dia. Eu me lembro muito bem disso.

E de outras situações de fome: você dormia para acordar no dia seguinte e ver se aparecia alguma coisa. Lembro que meu pai, apesar de todas as dificuldades, saía de manhã para buscar comida, e nós ficávamos em casa esperando o dia inteiro. Do quintal de casa víamos uma ladeira — como chamávamos lá no Piauí — e passávamos o dia todinho olhando para ver se ele apontava na ladeira e se trazia algo na mão. Um dia ficou muito na memória: ele trouxe um quilo de arroz branco, dois tomates e uns três ovos. Foi a comida mais deliciosa que comemos; minha mãe fez os ovos fritos com tomate, ficou muito gostoso. Mas a fome era muito, muito grande.

Saímos do Maranhão para o Piauí, e a situação continuou. No Maranhão tínhamos uma casinha, mas houve a separação dos meus pais, e no Piauí não tínhamos nada, nem casa para ficar; havia uns parentes que cuidavam da gente. A comida era racionada: um pão para dividir entre sete pessoas numa casa. Como não tínhamos onde morar, fomos para uma ocupação. Ficamos um bom tempo lá, até que pediram o terreno, e todo mundo ficou sem ter para onde ir. Aí, o prefeito da cidade na época — posso falar do prefeito?

Wellington Dias: Pode, pode.

Joel: Ele já faleceu: Cabilouro [grafia incerta].

Wellington Dias: Cabilouro. Ele ainda é vivo?

Joel: Não, morreu recentemente.

Wellington Dias: Foi deputado estadual, meu colega de Assembleia.

Joel: [Trecho pouco claro na transcrição: menção a "Zé de Ribamar Pereira" e a um programa de criação de galinha caipira.] Ele pagou o aluguel da nossa casinha, mas a fome foi junto, como sempre. Éramos quatro irmãos; minha irmã mais velha arrumou um emprego de doméstica na casa de uma pessoa, e havia dias em que comíamos um pratinho de comida que ela trazia da casa da patroa, dividido entre mim, minha mãe e as outras meninas. A fome fez parte da nossa vida por um longo período. Lembro que só começamos a melhorar, a ter um pouco de alimento, quando foi criado o Real.

Wellington Dias: Só não gostei de você dizer que ela era sua amiga. Ela estava querendo te matar. Não tem como ter a fome como amiga.

Joel: Amiga não no bom sentido: daquelas amigas que apunhalam pelas costas. Depois começaram a surgir esses programas de incentivo. Antes disso — não me recordo bem, mas o ministro vai saber, porque é dessa época —, havia o INAN, que dava feijão e outros alimentos lá em Parnarama, no Maranhão. Instituto Nacional de não sei o quê.

Wellington Dias: INAN, Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição. Aparecia também aquele feijão... chamava "feijão de arranca" [grafia incerta]. O presidente Lula dizia que o feijão era tão duro que você botava um pé de panela junto e cozinhava o pé de panela, mas não cozinhava o feijão.

Joel: E esse feijão foi um dos nossos alimentos por muito tempo, duro. A história vai e volta, e eu vou e volto, porque são muitas histórias. Lembro que lá em Parnarama construíram a primeira escolinha do meu bairro, e havia merenda — chamamos de merenda, de lanche. Passamos a ter comida todo dia, que era o lanche da escola. Mesmo assim, comíamos metade do lanche e levávamos a outra metade para casa, para os que ficavam lá. Foi um longo período até não precisarmos mais passar por isso.

Wellington Dias: Destaco três pontos importantes do depoimento do nosso querido Joel. Primeiro, eu também estava viajando no tempo enquanto você falava: comer um escaldado de farinha, só farinha com um pouquinho de leite e sal, ou água e sal. As mulheres, as mães, as pessoas que cuidavam da casa tinham de ter muita criatividade. Havia também um leite em pó que chamavam de "pó de índio" [grafia incerta], que vinha dos Estados Unidos.

Mas veja o que você traz. Primeiro, muitas vezes há preconceito contra a política de segurança alimentar, contra a política de tirar da fome: tem gente que bate, que diz que é absurdo "ficar dando comida". E veja no seu depoimento: com fome, há dificuldade para estudar; você não consegue se concentrar. Ele disse que ficava o tempo todo pensando se ia ter comida; desmaiou. Segundo, o pai: quem passa fome não pensa num plano, num projeto; pensa onde vai achar comida. É o tempo todo assim para quem tem a responsabilidade de botar comida na mesa, como o seu pai e a sua mãe. A responsabilidade é grande.

E o terceiro ponto para o qual quero chamar atenção é que não dá para atuar com paliativo. Ou você faz uma coisa para valer, ou não faz. É aí que está a diferença entre quem faz e quem não faz. Por exemplo, o atendimento num programa como o Bolsa Família chega, em média, a 700 reais por família. Quando assumi, eram 22 milhões de famílias; com as que estavam fora, seriam hoje 28 milhões. E fechamos o último mês com 19,5 milhões de famílias. Por quê? Porque muitas famílias saíram pelo trabalho, pelo emprego, pelo empreendedorismo, pela educação. Joel, olha a importância da comida para a educação: dizemos "tudo bem, liberamos o Bolsa Família, mas as crianças têm de estar matriculadas e estudando; damos a comida, mas é preciso cuidar da saúde". Um ser humano saudável e educado. E foi a educação que abriu as portas para você, não foi?

Joel: Foi a educação.

Educação como alicerce

Érica Braz: Quero provocar aqui, ministro: seria então a educação o primeiro lugar aonde o Estado deve chegar, numa situação de famílias como a que o Joel descreveu? Claro que é um Brasil que ficou para

trás, graças a Deus, às políticas públicas e aos governos que priorizaram o combate à fome. Mas, na opinião do senhor, que tipo de política pública tem de chegar primeiro, de forma emergencial?

Wellington Dias: Sinceramente — gosto de trabalhar sempre com a verdade —, ainda não alcançamos 100%. A FAO atesta que o Brasil tinha 33,1 milhões de pessoas na fome, aquela fome que ameaça a vida. Fui agora a Roraima, Joel — já é a quinta vez que volto lá —, inclusive a uma comunidade indígena, e minha maior alegria foi ver aquelas crianças todas coradas, alimentadas, gordinhas, com carne, macaxeira, galinha. Porque estávamos trabalhando para que os indígenas produzissem seu próprio alimento, e nós comprávamos esse alimento: compramos agora cerca de 100 milhões de reais em alimentos produzidos pelos indígenas. E, quando fomos lá da primeira vez... dói. Víamos aquele povo só pele e osso. Você deve ter na memória aquelas imagens das pessoas esqueléticas. Era fome.

O que quero dizer é que ainda temos 0,6%. Neste ano de 2026, começamos o ano procurando: onde estão essas 1,2 milhão de pessoas? Na população de rua? Quando se chega a esse ponto, fica mais difícil encontrá-las. E o ponto que quero destacar: sim, a educação é o alicerce. Olho para trás na minha vida e na vida de muita gente que viveu comigo: foi a educação.

A educação, na minha geração, Joel, era algo tão distante... Você falou da salinha; no município de Paes Landim, no Piauí, onde minha família vivia, havia uma só escola, e a escola era uma sala só, sem porta. Chegávamos de manhã e tínhamos de levar vassoura para varrer, porque bode e porco dormiam ali — aquela catinga de chiqueiro. Tínhamos de levar a cadeira para sentar e assistir à aula. A tabuada, a carta de ABC e a palmatória: esse era o material escolar. Imagine: minha professora tinha a quarta série do ensino fundamental. Sou grato a ela, a professora Iria, e à professora Terezinha Camará.

Vou contar uma história antes de voltar à educação. Tenho uma lembrança, Joel — já contei uma vez, mas me lembrei agora, ouvindo você —, de um encontro direto com a fome. Eu nasci em Oeiras e fui estudar lá; a região onde meus pais moravam, hoje o município de São Miguel do Fidalgo, era um povoado de Oeiras, o povoado Banco de Areia. Para chegar lá era um sufoco, a rural atolando, a Toyota do Raimundo Anório [grafia incerta] atolando; só a Toyota chegava. Quando morávamos lá, eu e a Nildete, uma tia, irmã da minha mãe adotiva, cuidávamos de um bocado de meninos numa casa, para estudar — uma espécie de casa de estudante. Nossos pais tinham crédito na bodega; o dono da bodega, Assis Carvalho, depois virou deputado federal.

Um dia chegamos lá — eu era o mais velho, para fazer as contas —, e o senhor Antônio disse: "Não tem mais crédito". Voltei, peguei as moedas que havia, comprei um pãozinho, uma coisa ou outra. "Mas e o café?" O dinheiro não deu. Falei para a Nildete: "E agora?". Olhei para o quintal: havia um pezinho de laranja. "Vamos fazer chá de folha de laranja." Fui lá, peguei folha de laranja e fiz chá. E ficamos vários dias assim, num período em que estávamos isolados pela chuva, e não chegava nada das famílias. Um dia a Nildete chega: "Cadê o chá?". Abriu a janela: "Olha ali, o pé de laranja está peladinho". Peladinho! Fui lá, olhei o pé de laranja, vi uns galhinhos perto das folhas, cortei e disse: "Faz o chá desses galhos aí".

Não há nada pior para o ser humano. Você vê os animais com fome — um cachorro, um gato —, é muito comum. Mas o ser humano com fome... não há nada mais humilhante, nada mais perverso. É terrível. E essa ideia é científica: transferir renda para que a pessoa não passe fome. O problema do Brasil, então, não é alimento — como eu disse, somos o quarto maior produtor. Qual é o problema? O acesso ao alimento. Quem tem dinheiro compra; quem não tem, não. Por isso se transfere renda. A renda vai para os mais pobres, e o dinheiro circula onde os mais pobres vivem. Por isso, com o passar do tempo — você deve ter visto isso lá em Boa Hora —, aquela bodeguinha, com o dinheirinho

começando a correr, vira um mercadinho; passa a haver uma feira. É também um fator econômico: dinheiro na mão dos mais pobres se multiplica.

E a contrapartida é a saúde — acompanhar a gestante, o bebê, a vacinação, a pesagem —, mas também a educação. É a educação que muda. Quando começamos a estudar, Joel, meus parentes diziam: "Esses meninos da Terezinha" — o nome da minha mãe — "e do Joaquim vão virar tudo vagabundo. Só querem saber de estudar". Estudar era algo tão distante que era coisa de malandro, de vagabundo, de quem não quer trabalhar, porque os pais precisavam dos filhos na roça. Olha a outra importância do Bolsa Família: eu dou o Bolsa Família, mas a criança não é para estar na roça, é para estar na escola. Olha o efeito que isso tem. Foi isso que abriu portas para mim. E digo uma coisa fantástica: a educação é um investimento feito uma vez só. Quando você alcança uma geração inteira com ensino médio, quando alcança uma família, quando alguém se forma, pode ter certeza: dali para a frente, nenhum filho, nenhum neto vai ter menos do que essa pessoa teve. Pode ter mais, mas não menos.

Como explicar o Mapa da Fome em sala de aula

Isadora Santos: Que coisa fantástica. Já que o senhor introduziu ainda mais a questão da educação, Joel, quero te fazer uma pergunta como professor. Se amanhã um aluno perguntar: "Professor, o que é esse tal de Mapa da Fome?", como você explicaria?

Joel: Inclusive, já toquei nesse assunto. É engraçado: os meninos têm uma percepção bem limitada do lugar onde vivem. Comentei que o Brasil tinha saído do Mapa da Fome, e eles: "Mas como, professor? Minha vizinha passa fome. Minha vizinha ali não tem comida". Casas e casas. Claro que não saiu todo mundo. O índice ficou abaixo de 2,5% — está em 0,6% —, mas ainda há casos de pessoas passando fome que não foram alcançadas, por alguma razão, por alguma circunstância. O país é muito grande; até essas políticas chegarem, há um processo, mas elas vão chegar. Por exemplo, onde dou aula, em Águas Lindas [de Goiás], a cidade é muito grande; o prefeito tem suas equipes, mas talvez não tenham chegado àquela família, ou falte informação.

Eu digo a eles: "Gente, vocês precisam saber que têm direito a vários benefícios e que precisam ir atrás". Às vezes nem sabem que precisam ir ao CRAS fazer um cadastro para que alguém vá conhecer a sua realidade. Tento passar isso. Mas, como a nossa região está hoje muito polarizada politicamente, todos acham que [o benefício] é do fulano porque é do partido do sicrano. Não é essa a questão. A questão é que você precisa ser informado, e, sendo informado, consegue acessar esses benefícios. É preciso ter jeito para falar com eles sem partidarizar as coisas; eles partidarizam muito.

Wellington Dias: Atender independentemente de partido.

Joel: E dizer que o Brasil saiu do Mapa da Fome é dizer: "Olha, nós tínhamos pessoas que estavam morrendo de fome". Tentar falar na linguagem mais simples: pessoas que não tinham como conseguir comida, que não tinham onde cair mortas. Hoje elas têm. E aí volto à educação: isso é só o começo. Não vou me colocar aqui como meritocrata, dizendo que consegui sozinho. Não: foram as oportunidades. Eu não estudei em escola particular.

Wellington Dias: Eu também não. Na minha época não havia escola, não havia professor. Era muito difícil.

Joel: Hoje eles dizem: "Ah, professor, olha o estado desta escola". Sim, mas vocês têm. Vocês têm uma cadeira, uma sala, um professor para orientar.

Wellington Dias: Onde você leciona, os professores têm nível superior.

Joel: Eu, graças a Deus, concluí o mestrado recentemente.

Wellington Dias: Está vendo? É um mestre. A minha professora tinha quatro anos de primário — quatro anos de ensino fundamental.

Joel: Os assuntos se misturam: educação e fome. Você falando da sua professorinha lá do passado, eu me lembro muito da professora Alvina.

Wellington Dias: Olha aí, do seu coração.

Joel: Eu sempre a reverencio. Minha mãe também foi professora.

No trecho a seguir, um diálogo rápido sobre o ensino técnico de contabilidade, a atribuição de algumas falas entre o ministro e o professor é incerta.

Wellington Dias: Eu estava no segundo ano do ensino médio, técnico de contabilidade, lá no Piauí. Você fez onde?

Joel: O ensino médio? Técnico de contabilidade, numa unidade escolar estadual [nome pouco claro na transcrição].

Wellington Dias: Pronto. Eu fiz na Escola Técnica Federal.

Joel: É engraçado que me tornei professor depois de fazer técnico de contabilidade e ver que não adiantou nada: só sei o que é ativo, passivo, o que se deve...

Wellington Dias: Pois eu me dei bem: fiz um processo seletivo e fui aprovado para o estágio do Banco do Nordeste.

Joel: Eu fiz essa seleção e não passei.

Wellington Dias: Ganhando 80% do salário mínimo. Depois de formado, fui trabalhar na Rádio Difusora de Teresina como contador; depois virei chefe do setor de pessoal e depois "cuspidor de microfone" [locutor].

Joel: Pois é. Quando terminei o ensino fundamental, o nono ano, havia duas opções: ser professor, fazendo o pedagógico...

Wellington Dias: A escola normal.

Joel: Isso, escola normal; lá chamávamos de pedagógico, magistério. Ou fazer técnico de contabilidade. Eu achava técnico de contabilidade uma coisa maravilhosa; ia fazer técnico de contabilidade.

Érica Braz: Chique no último!

Joel: E não fiz o pedagógico porque o professor não tinha valorização nenhuma na época — assim como até hoje não tem tanto.

Wellington Dias: O professor do Piauí, quando assumi meu primeiro mandato de governador, em 2003... O salário mínimo, no governo do presidente Fernando Henrique, era de 100 reais em 2000 [valor como dito], e o professor do Piauí ganhava 70 reais: 70% do salário mínimo. Então, quando

implantamos o piso do professor — você deve se lembrar —, foi algo extraordinário. Eu era governador; o José Serra, governador [de São Paulo], liderou um movimento dizendo que o piso ia quebrar todo mundo. Um dia fui a uma reunião em São Paulo com todos os governadores e pedi a palavra na abertura: "Olha, gente, eu sei que esta reunião é meio uma rebelião contra o piso nacional dos professores. Então, deixa eu dizer uma coisa: o Piauí vai pagar o piso. Se o Piauí pode, quem é que não pode?". Isso repercutiu forte na época.

Joel: Só para concluir: no ensino médio, a professora Alvina dizia: "Gente, oportunidades são coisas que não devemos deixar passar". Ela citou um ditado de que me lembro muito — o Millôr Fernandes repetia, mas é um ditado chinês, não sei quem é o autor —: a flecha lançada, a palavra dita e a oportunidade perdida não voltam atrás. Ia abrir um campus da universidade na minha cidade, mas, por sermos extremamente pobres e excluídos, eu achava aquilo muito distante de mim.

Wellington Dias: Olha aqui, de novo: a pobreza é uma coisa em que o próprio pobre se isola. É incrível.

Joel: Eu achava: "Não é para mim". E ela dizia: "Para fazer graduação numa universidade pública, só em Teresina ou em Campo Maior. E, mesmo sendo pública, tem custos". Mas na minha cidade abriu.

Wellington Dias: Foi no governo Mão Santa. É verdade. O reitor da UESPI era o Jônathas Nunes [grafia incerta]; hoje é meu colega na Academia Piauiense de Letras.

Joel: Porém, eu não fiz o vestibular: demorei dois anos para acreditar que conseguiria. Voltando à minha mãe: ela é semianalfabeta — alfabetizada, mas só até a quarta série —, e mandava a gente para a escola lá em Parnarama mesmo quando não havia escola. Quando abriu a escola, ela mandava; em Barras, mandava. Não queria saber de nada: queria que você fosse para a escola. Todo sacrifício era pela escola, mesmo sem entender quando precisava ir a uma reunião porque eu tinha aprontado. Mas tinha de ir para a escola.

Wellington Dias: E vimos que deu certo: hoje é mestre.

Joel: Graças a Deus. Só para concluir rapidinho: a professora insistiu, e eu fiz o vestibular. Comprei uma coleção de livros condensados de literatura — adorei, hoje amo literatura — e fiz a prova. Não passei na primeira chamada. Veja a questão da falta de informação e de acesso: quem me avisou que eu tinha sido chamado na segunda chamada foi um senhor que considerávamos dos ricos da cidade, dono de um jornal [nome pouco claro]: "O Joel foi chamado na universidade; mandem avisar". Se não tivessem avisado, eu teria perdido. Foi com a graduação na UESPI que cheguei a Brasília, fiz concurso, passei e hoje estou aqui. Mas tudo isso com informação e oportunidades que soube agarrar. Se não soubesse, teria passado em branco.

Wellington Dias: Tirar da fome é o primeiro passo. Mas a sustentabilidade, a não dependência da transferência de renda, é o emprego, o empreendedorismo, o cooperativismo, o talento. É esse o passo que temos de dar. Estou comemorando esses 25 milhões de pessoas que subiram na escala social, e a principal base é a educação: todo ano, 1,3 milhão de pessoas do nosso Cadastro Único se formam no Brasil em nível técnico ou superior, e a família melhora de vida de forma muito efetiva.

Imagine: visitei um garoto em Floresta do Piauí. Ele ajudava o pai, que era auxiliar de pedreiro; com oito anos, era auxiliar do pai e estava largando a escola. Chega o Bolsa Família e o obriga a voltar para a escola: tem o Bolsa Família, mas tem a escola. E esse garoto — Jardel é o nome dele —... Eu criei lá um cursinho popular. Isso que você acabou de falar também estava na minha memória: é preciso estimular

os mais pobres, encorajar. Criamos um cursinho com turmas só para quem queria Medicina, só para quem queria Engenharia, só para quem queria Matemática e outras para as demais profissões. Resultado: o Jardel passou em nove faculdades e universidades para Medicina. Foi estudar no Maranhão, porque tinha uma tia lá; demos uma bolsa, e ele foi. Hoje é médico na cidade dele. E estimulou a mãe, que tinha parado de estudar no ensino fundamental, a fazer o ensino médio e o vestibular. Hoje ela é professora concursada em Floresta do Piauí. E [um parente dele] veio me visitar aqui no ministério, em Brasília, para contar: "Ministro, vim contar que meu irmão passou em Medicina". Olha que coisa: a educação muda a vida dessa família. E o pai agora diz que não quer mais trabalhar, que agora o filho é que tem de sustentá-lo.

Por que o Brasil voltou ao Mapa da Fome

Érica Braz: Está certo. Em 2014, o Brasil deixou o Mapa da Fome pela primeira vez, e o país passou inclusive a ser referência internacional em políticas públicas de combate à insegurança alimentar. Mas, nos anos seguintes, a insegurança alimentar voltou a crescer, e o Brasil retornou a esse triste mapeamento. Ministro, o que aconteceu? Éramos referência, estávamos fora do Mapa da Fome e acabamos voltando para a fila do osso.

Wellington Dias: Preciso pontuar que tivemos, sim, a pandemia. Mas não foi só no Brasil: houve pandemia no México, nos Estados Unidos, na Colômbia, em muitos lugares. O que quero registrar é que, no Brasil, tivemos o desmantelamento de várias políticas. Começou pela merenda escolar: não houve reajuste do valor pago por aluno para a alimentação, e ela se precarizou. Depois, os programas: acabou o PAA, o Programa de Aquisição de Alimentos; acabou [o apoio do] Pronaf, o programa de financiamento dos pequenos agricultores; acabou o programa do leite; acabou uma série de programas.

Quando isso acontece, aos milhões, numa fase em que o Brasil também desmantelou a economia — lembremos que chegamos a ser a sétima maior economia do mundo e caímos para a décima segunda —, o estrago vai para todo lado. Resultado: com a economia caindo, o desemprego cresceu. Gente que estava na classe média caiu para a baixa renda; pessoas foram para a pobreza, para a miséria, e 33 milhões e 100 mil foram para a fome. É esse o enredo. Não se trata de partido A contra partido B; é a realidade do Brasil.

Mas também precisávamos dar um passo além, e é isso que está acontecendo neste terceiro mandato do presidente Lula. Foi criado o Plano Brasil Sem Fome, que tirou o Brasil do Mapa da Fome, mas também o Plano de Superação da Pobreza. E que tal se, além da educação, que cuida das novas gerações, cuidássemos também dos adultos? Essa é a mudança: o programa Acredita. Acredita no primeiro passo, no segundo, no terceiro. Como um bebê: você já acompanhou um irmãozinho, um filho, um neto; é bonito vê-lo dar o primeiro passo, cair, levantar — precisa de muito apoio. É assim também para superar a pobreza. Às vezes não nos damos conta, mas estamos falando de gente que nunca teve um contrato de trabalho, nunca teve carteira assinada. Não é fácil para essa pessoa; temos de prepará-la.

O que fazemos hoje? Uma parceria que começa na educação de jovens e adultos profissionalizante, com o MEC — que é a mais potente; já formamos cerca de 11 milhões de brasileiros —, e agora uma formação combinada com o setor privado. Em Brasília, quais são as vagas disponíveis? Conversamos com a Federação do Comércio, com o pessoal da indústria, dos serviços, da construção civil, do turismo, de várias áreas — e assim nas 27 unidades da federação. "Quais vagas vocês têm?" Há vagas de auxiliar de pedreiro, eletricista, assentador de piso; no comércio, operador de caixa, empacotador, motorista.

Lembro que fui à formatura de uma turma da Enel, a empresa de energia do Distrito Federal, e uma garota, Joel, deu um depoimento que fez todo mundo chorar. Contou que o sonho da mãe dela era comer uma maçã verde. Disse que muitas vezes viu a mãe ir ao supermercado, comprar arroz, feijão, fubá de milho, e ficar olhando para as maçãs com o "zói grande", como dizemos, olhar para o bolso, e o dinheiro não dava. Ela fez o curso técnico em eletricidade, que apoiamos, foi trabalhar e hoje é chefe. Passou a ganhar um dinheirinho bom e foi com a mãe ao mercado: "Mãe, bota o que a senhora precisar". A mãe, chorando, foi botando carne e outras coisas que antes não comprava. Passou perto das maçãs, e a filha disse: "Mãe, pegue quantas maçãs verdes a senhora quiser". Rapaz, ela parecia uma criança: pegou dez maçãs. E a filha chorando ali com a mãe; nós ficamos emocionados. São histórias como essa que mostram [o que essas políticas fazem].

E, quando o Brasil cresce, cresce o emprego. Temos 5,4 milhões de empregos a mais do que em 2022. E olha o que vou dizer, Joel: 91% desses empregos ficaram com o povo do Cadastro Único, o povo do Bolsa Família. "Esse povo está viciado, não quer trabalhar." Quer trabalhar e está trabalhando! Permita-me, como ministro, dizer: proporcionalmente, esse público é 23% [da população], e os outros são 77%. Então, quem não quer trabalhar são os outros: 91% [dos novos empregos] foram para o meu povo, que está indo trabalhar. E são 10,4 milhões de pequenos negócios do povo do Bolsa Família e do Cadastro Único, Joel. Alguém abriu um salãozinho de beleza, e nós apoiamos; abriu um mercadinho; alguém se formou em jornalismo e quer montar um portal, mas não tem dinheiro para os equipamentos: financiamos, com um fundo garantidor federal e taxa de juros de 0,7% ao mês, bem baixinha. Estou animado com esse caminho. É o que está fazendo as pessoas subirem na escala social e tirando 8 milhões da pobreza por ano. Gente, 8 milhões por ano! Foi assim que saímos de novo do Mapa da Fome. E, saindo assim, é mais difícil voltar.

E mudamos a regra, Joel. Antes, quando a pessoa assinava a carteira, perdia o Bolsa Família. Agora, não.

Joel: Nossa, eu discuti isso com um professor ontem: "Hoje não tem trabalhador porque ninguém quer assinar carteira, porque, se assinar, perde o benefício".

Wellington Dias: É mentira, gente. Olha só como é. O padrão que chamamos de linha de pobreza no Brasil é de 706 reais por pessoa da família. Se tenho uma família de cinco pessoas, são cinco vezes 706: 3.530 reais. Se a renda passa de 3.530, aí sim...

Joel: Não precisa mais.

Wellington Dias: Pois é. Mas criamos a chamada regra de proteção. Se a pessoa dessa família vai trabalhar ganhando um salário mínimo, quando meço pelo número de pessoas da família, ela não saiu da pobreza: então recebe o salário e o Bolsa Família. Quando a renda sobe e ultrapassa a linha da pobreza, Joel, ainda deixamos a família por até 18 meses recebendo metade do Bolsa Família. E, quando sai do Bolsa Família porque saiu da pobreza — porque a renda foi para um patamar mais elevado —, olha o que vou lhe dizer: não sai do Cadastro Único. "E se eu perder o emprego?" Se perder o emprego, volta para o benefício; não volta mais para a fome nem para a pobreza. Não tem mais fila. Foi demitido agora em setembro? Tem o aviso prévio e, no mês seguinte, está de volta ao benefício. Não tem mais fila. Entrou uma vez, só sai para cima, não sai mais para fora. Já são 7 milhões [nessa regra].

O que a escola vê: benefícios, saúde e alimentação escolar

Isadora Santos: Joel, olhando para esse período que o ministro comentou, como cidadão e como professor, como você percebeu essa mudança na vida das pessoas? Isso chegou à escola? Você percebe conversando com seus alunos?

Joel: Sim, perfeitamente. Inclusive há outras situações de benefício que nossos alunos conseguem. Na escola em que trabalho, em Ceilândia — o CEF 27, no Sol Nascente, uma região periférica —, há cozinha solidária. Há um restaurante bem ao lado; já comi lá, e é bom. Na terça-feira tem dobradinha — que lá chamamos de panelada. Muitos pais nos procuram em busca de relatórios, com os quais conseguem vários benefícios. Temos os alunos chamados ANEE, alunos com necessidades educacionais especiais, que conseguem esses benefícios — Bolsa Família e, para os que têm algum desses transtornos, o BPC. E isso chega a eles com a nossa ajuda: informamos os pais nas reuniões, dizemos para procurarem o SOE, o Serviço de Orientação Educacional, onde eu trabalho, em Ceilândia.

Temos alunos com dificuldades de aprendizagem que nunca tiveram um único atendimento, um olhar de alguém dizendo: "Olha, o seu filho..." — e é preciso cuidado ao falar, porque não podemos dar diagnóstico — "...pode ter alguma deficiência, algum transtorno que dificulta a aprendizagem". Então encaminhamos para a UBS; há um sistema pelo qual mandamos, e eles conseguem atendimento.

Wellington Dias: A escola integrada com a UBS.

Joel: Isso, o serviço integrado com a saúde. Lá eles conseguem atendimento com especialistas, que dão o diagnóstico, e, com um relatório nosso, a mãe chega depois e diz: "Professor, graças a Deus, caiu meu primeiro pagamento ontem" — porque é o BPC — "e vamos à feira comprar alimento". Porque muitos vêm à escola, especificamente na minha, pelo lanche.

Érica Braz: Joel, você tocou num ponto muito importante, e tenho uma pergunta muito simples, mas muito importante: um aluno consegue aprender com fome?

Joel: Não. Ele não consegue nem viver, nem se sentir gente, porque a fome tira a dignidade. A pessoa fica sem dignidade. O aluno fica o tempo inteiro apático. Temos alunos que simplesmente não vêm para a escola porque não há quem os traga — e vêm porque sabem que na escola tem comida. Ou vêm, como eu disse, especificamente para lanchar. E os lanches hoje são de muita qualidade, graças a Deus. Sempre trabalhei em escola pública e vejo como... Na minha escola de Águas Lindas, o Colégio Estadual Princesa Diana, se eu contar para vocês que tem estrogonofe... E, na sexta-feira, sabe qual é o cardápio? Feijoada.

Érica Braz: Nossa, gente! Vai me fazer voltar para o banco da escola.

Joel: Então, tenho visto, de fato, essa melhora na alimentação.

Wellington Dias: E aqui, Joel, há também o crescimento [da sensibilidade] do gestor público. Essa melhora na alimentação não se deve só à transferência do governo federal. O estado e o município, juntos, quando levam adiante, quando levam a sério... Tanto que não é em todo lugar que tem estrogonofe e feijoada. É quando cresce a sensibilidade do prefeito, da prefeita, do governador, da governadora, do pessoal da educação e da fazenda para abrir essa condição.

Depoimento de Lucinéia de Jesus Domingos (vídeo)

Isadora Santos: Para entendermos melhor o que as políticas públicas representam na vida das pessoas, vamos conhecer a história de uma brasileira que viveu de perto a insegurança alimentar, assim como o nosso querido Joel. Lucinéia de Jesus Domingos é representante da comunidade quilombola Chácara Buriti, na zona rural de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul. Ela gravou um vídeo para nós; vamos ouvi-la.

Lucinéia de Jesus Domingos (vídeo): Venho falar hoje de um assunto muito importante. Pela segunda vez, o governo do Brasil, na gestão do presidente Lula, junto com o MDS, tirou o Brasil do Mapa da Fome. É um tema muito importante, que me deixa muito feliz e emocionada. Quando criança, passei fome; sei o que é não ter um prato de comida na mesa. Quero falar também da importância da agricultura familiar nesse processo de combate à fome no Brasil, da importância do PAA, o Programa de Aquisição de Alimentos, na vida das famílias que recebem os alimentos, na vida dos pequenos produtores e da dignidade que ele traz às suas famílias.

Como o Brasil saiu tão rápido do Mapa da Fome

Érica Braz: Muito bem, obrigada, Lucinéia, pelo depoimento, numa apresentação lindíssima, produzindo alimentos. Ministro, quando o atual governo começou, em 2023, a promessa era sair do Mapa da Fome em 2026. Foi um tempo recorde: saímos em 2024 [segundo os dados divulgados em 2025]. Como alcançamos esse resultado tão rápido?

Wellington Dias: Fui a um evento da FAO em Adis Abeba, na Etiópia. Confesso que estava ali como em mais um momento importante, com vários líderes, vários presidentes e ministros de vários países. E aí a FAO anunciou que o Brasil tinha saído do Mapa da Fome. Eu mesmo tinha dito ao presidente Lula antes de ir: "Presidente, vamos chegar bem perto". Tínhamos alcançado, para lembrar, um patamar de 3,5[%]; eu achava que poderíamos ficar em 3. Quando se chega a determinado ponto, não é fácil. É aquilo que perguntavam ao Joel: como faço para me inscrever no Cadastro? Como faço para acessar a unidade básica de saúde? Ou seja, trabalhamos de forma muito integrada: Ministério do Desenvolvimento Social, Ministério da Educação, Ministério da Saúde, com os vários sistemas. O nosso tem o sistema de assistência social e o sistema de segurança alimentar como elos importantes.

Então, quando a FAO anunciou que o Brasil estava abaixo de 2,5%, parecia que eu estava na Copa do Mundo: é tetra, é penta, sei lá o quê. Gosto muito de futebol e fiquei muito emocionado. E, claro, damos uma volta na história. Na prática, o presidente do Brasil tomou medidas corajosas. Colocar os pobres no orçamento não é jogo de palavras: é para valer, é colocar o dinheiro que precisa. Quando ele vai fazer o orçamento, não é aquela história de, em primeiro lugar, tirar dos pobres. É manter o necessário, e não aquele negócio de "tem dinheiro, bota; não tem dinheiro, não bota". Há a preocupação fiscal, como numa casa: a mãe e o pai querem que a receita seja maior que a despesa. Há o cuidado de economizar energia, água; não ter desperdício.

Aliás, na área da alimentação, trabalhamos o combate à fome, o combate à obesidade e também o combate ao desperdício: os bancos de alimentos. Aquele alimento da Ceasa, do supermercado, aquela batata, aquela cenoura que, por ter uma manchinha preta, ia para o lixo — não, para aí. Chamamos as nutricionistas, elas trabalham, e é feita a desidratação. Ontem eu estava em Xerém, Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, onde há pequenas máquinas desidratadoras: aquela batata passa a durar mais e depois é usada para fazer sopa — batata, beterraba. A fruta, por exemplo: se você tira uma manga do

pé, um morango, e demora muito, apodrece; mas, quando vira polpa de fruta, dura seis meses ou mais. Esse alongamento [da vida útil] é o combate ao desperdício, e isso ajuda a combater a fome.

Aliás, o mundo ainda tem muita gente com fome. Estávamos com 750 milhões de pessoas no mundo na fome; com o que o Brasil fez, mas também outros países, reduzimos para 642 milhões em 2025. Mas é preciso atenção. Por quê? Porque agora a questão é como fazer para não voltar mais. A mudança de regra do Bolsa Família é para isso: estimular o emprego, o empreendedorismo e o cooperativismo. A cooperativa ajuda muito, especialmente as médias e grandes. Vários pequenos — como ela ali [Lucinéia], que trabalha com horta, ou as famílias que produzem berinjela, cenoura e beterraba onde eu estava com o Zeca Pagodinho — conseguem comercializar por meio de uma cooperativa. O pequeno, isolado, tem muita dificuldade; quando vários pequenos se juntam...

Olha a cooperativa Aurora: ela concorre com a JBS, a maior empresa de proteína do mundo. Você vai ao supermercado e está lá o produto da Aurora — o frango, a carne, a linguiça. De quem é a Aurora? É uma cooperativa de cerca de 80 mil pequenos produtores. Eu a premiei neste ano porque ela tirou 23 mil pessoas do Bolsa Família, porque superaram a pobreza: passaram a ganhar acima de 4, 5, 10 mil reais. O pequeno produz suínos, entrega à cooperativa, e a cooperativa vende costelinha, pé de porco para a feijoada, bacon. E o lucro dessa agregação de valor é do pequeno, dono da cooperativa.

E o talento — estou muito entusiasmado com o talento. Agora estão acontecendo em Brasília os Jogos Escolares. Estamos de olho, com as nossas equipes acompanhando: quem são os talentos de cada estado, no futebol, no vôlei, no atletismo? Inclusive o pessoal da escola do Joel. Se um garoto ou uma garota se destaca, damos uma bolsa-atleta, e ele vai para um clube: para a base do Flamengo, para um time de Brasília, para outro time do país, para o Instituto Galo, em Minas Gerais, para o Corinthians — no futebol e em outras modalidades. Há quatro garotas na seleção brasileira de futebol feminino cujas mães e pais eram do Bolsa Família e que agora estão saindo [da pobreza] pelo esporte. Estou bastante animado com esse caminho. O Brasil é um país extraordinário, continental, com muitas riquezas, e ainda tem muito a fazer. Nada justifica passarmos fome.

Então, como encontrar quem ainda não encontramos? Ainda há 1,2 milhão de pessoas. Começamos lá em janeiro: é uma busca ativa. Onde estão? Às vezes encontramos pessoas dormindo na rua que já têm o Bolsa Família. Como tirá-las da rua, com bastante jeito? Agora elas têm direito ao Minha Casa, Minha Vida e a outros programas. E é isso que quero destacar para fechar: o avanço é que olhamos o lado da receita, Joel, mas também o lado da despesa. A receita começa com o Bolsa Família, mas o caminho é o emprego, o pequeno negócio, a pequena empresa, a saída da pobreza pelo trabalho. É esse o caminho que queremos alcançar cada vez mais.

E, quando olhamos o lado da despesa: essa família tem uma criança com deficiência, e o custo aumenta — medicamento, tratamento. Por isso existe o BPC. Precisa de medicamento de uso contínuo, às vezes para duas ou três pessoas da família — diabetes, pressão alta —, e é caro: o Farmácia Popular oferece gratuitamente ou com desconto muito grande. A conta de energia é cara: agora há o Luz do Povo, a tarifa social de energia. A pessoa do Bolsa Família ou do BPC que consome até 80 kWh tem tarifa zero; até 120 kWh, tem desconto de até 90% na conta. Se há um aluno do ensino médio na família, há o Pé-de-Meia, que está ajudando a reduzir a evasão e a aumentar as matrículas: paga todo mês e ainda forma uma poupancinha a cada semestre. Eu estava com o presidente no Piauí esses dias, e um aluno mostrou: "Presidente, comprei este tablet com o dinheiro do Pé-de-Meia, com a minha poupança; é um instrumento de trabalho". Ele desenvolveu nesse tablet um produto, vendeu e está ganhando em dólar.

É um ecossistema: são 56 programas. A família tem o Bolsa Família, mas mora de aluguel, e o aluguel come um pedaço grande do benefício — 500, 600, 700 reais, mesmo num lugarzinho pequeno. Agora, no Minha Casa, Minha Vida, quando a família recebe a chave da casa ou do apartamento, recebe a quitação — inclusive os contratos antigos do programa foram quitados. Conto isso para mostrar que são muitos programas. Para a pessoa de idade avançada que não consegue mais cozinhar, não adianta mandar cesta básica: por isso existe a cozinha solidária, para quem precisa de comida pronta. É complexo; não é para amador. Mas temos uma equipe muito competente no MDS, integrada com os estados, com os municípios e com milhares de entidades. Chegamos agora a quase 3 mil cozinhas solidárias, que fornecem 20 milhões de refeições. Não é fácil. Saímos do Mapa da Fome dois anos antes [da meta] graças a cerca de 60 políticas públicas.

Eu não contava com isto: ponto de alerta, a guerra. Ela impacta os preços. O preço dos insumos agrícolas aumentou de novo, e o presidente já adotou medidas para segurar, sem aumento do preço dos alimentos. E a mudança climática: eu estava agora em Roraima, com seca; era para já ter começado a chover, e não começou. Quem plantou perdeu. A mudança climática é real: a temperatura aumentou, o gelo das cordilheiras está derretendo mais cedo, e a água desse degelo coincide com o período de chuvas na Amazônia, e vêm as inundações. Agora, inundações em São Paulo, no Rio de Janeiro — eu estava lá, inclusive, andando na chuva naquele dia —, e nós apoiando essas pessoas. A mudança climática é um desafio para a produção de alimentos, e são os mais pobres que pagam a conta na hora da guerra e na hora das mudanças climáticas. Então, eu digo: um olho no prato e outro no gato.

Rodada final de respostas curtas

Érica Braz: Meninos, atenção, porque, antes de terminar, vamos fazer uma rodada rápida com os dois. Sem resposta longa, combinado?

Wellington Dias: Sou falador, mas agora vou me conter.

Érica Braz: Queremos uma frase, até uma palavra, para responder a essas perguntas. A Isadora e eu vamos perguntar. Preparados? Ministro, uma política pública que o senhor considera decisiva no combate à fome?

Wellington Dias: Bolsa Família e alimentação escolar.

Isadora Santos: Joel, uma coisa que você gostaria que nenhum brasileiro — especialmente um aluno seu — precisasse viver?

Joel: Passar fome. Ninguém merece.

Érica Braz: Ministro, uma palavra para definir o Brasil que o senhor gostaria de ver em 2030, quando o assunto é fome?

Wellington Dias: Brasil Sem Fome. Mas, mais do que isso, um Brasil com uma grande classe média alta. Um Brasil independente de outros mercados.

Isadora Santos: Joel, e você? O que espera que esteja na mesa de todos os brasileiros daqui para a frente?

Joel: Alimentos de qualidade, nutritivos e que saciem a fome das famílias.

Encerramento

Isadora Santos: Pessoal, a conversa de hoje mostrou que sair do Mapa da Fome é uma conquista enorme, mas não é uma linha de chegada. Envolve continuidade, monitoramento, políticas públicas e um compromisso permanente para que cada vez menos brasileiros vivam no Mapa da Fome.

Érica Braz: Acho que o objetivo desta conversa, ministro e Joel, juntamente com a Isadora, é mostrar que o mais importante não são os indicadores. Falamos de tantos números aqui, mas o importante são as pessoas, as histórias por trás deles. Conhecemos um pouco mais da sua experiência, Joel — fiquei emocionadíssima quando você contou o desmaio na escola, e hoje é mestre, professor, ensinando outras pessoas. Conhecemos a história da Lucinéia, naquela plantação belíssima — abriu o apetite; acho que era couve —, lá em Mato Grosso do Sul, uma região tão diferente do Nordeste de vocês dois. E entendemos com o ministro que as políticas públicas têm de transformar a realidade, e é o que estamos conseguindo. Mais uma vez, muito obrigada pelo seu tempo, ministro, por ter vindo conversar conosco sobre um tema tão relevante para o Brasil. E, Joel, peço que você se despeça também — o ministro já fez suas considerações —, mandando um recado para seus alunos, sua família e todos os seus fãs.

Joel: [Saudação aos seguidores, pouco clara na transcrição.] Os divos e as divas! O que tenho a dizer, especificamente para os meus alunos, é que aproveitem as oportunidades. As escolas públicas estão cheias de oportunidades e de professores realmente sensíveis à situação de fome e de vulnerabilidade em que muitos alunos se encontram, que chamam a família à escola, conversam e orientam. Então, o que peço é que tenham interesse em aprender e se dediquem, porque a educação transforma. A educação tira da fome também, e tira da pobreza. Porque, como diziam nossos velhos pais, ninguém tira de você o que você aprende: o que você aprende vai com você, fica com você, e ninguém rouba. Fico muito feliz de poder usar este espaço para falar disso. Minha área é a educação, por isso falo mais dela, mas vivi a fome pessoalmente. Como disse no começo do programa, ela não é minha amiga: foi minha inimiga, e inimiga de muita gente. Mas, com as nossas políticas de inclusão e de distribuição de renda, é possível. E hoje estamos fora do Mapa da Fome graças a elas.

Érica Braz: Exatamente. E a música? "*Looking for...*" Faz um pedacinho para nós, Joel! Eu já adorei, já estou animada. Queria agradecer mais uma vez pela presença e por terem compartilhado tanto conhecimento conosco. E a todo mundo que nos acompanhou até aqui, muito obrigada. Curta este vídeo, compartilhe, mande para a mãe, para o pai, no grupo da família, porque o *Tá na Mesa* está só começando.

Isadora Santos: Esta é a primeira temporada do videocast do MDS, o *Tá na Mesa*: uma série com seis episódios, e este é o primeiro. Abordamos o Mapa da Fome e os desafios que foi preciso enfrentar para essa conquista — e que continuaremos enfrentando para manter o Brasil fora dessa triste realidade. Na semana que vem tem outro episódio. Em algum lugar da sua tela há um QR Code para as redes sociais do MDS. E vou repetir o número do Disque Social que o ministro mencionou: 121, ligação gratuita de todo o Brasil.

Érica Braz: E é um número importante, porque o cidadão fala diretamente com o governo.

Wellington Dias: Inclusive por WhatsApp, por chamada de vídeo [grafia incerta na transcrição], enfim.

Isadora Santos: Exatamente. Então: redes sociais e o 121, tudo disponível para quem quiser saber mais, também sobre os próximos programas. Espero vocês na semana que vem. Até lá, um abraço.

Érica Braz: Tchau, tchau.

2. Resumo do episódio por tema

Síntese dos principais temas da conversa, com a posição de cada participante.

Objetivo do episódio

Érica Braz e Isadora Santos: Na estreia do videocast do MDS, propuseram explicar o que é o Mapa da Fome e o que significa o Brasil ter saído dele — partindo da trajetória de quem formulou as políticas (o ministro Wellington Dias) e de quem viveu a fome na infância (o professor Joel).

O que é o Mapa da Fome e os números da saída

Vídeo institucional: Explicou que a FAO inclui no Mapa da Fome os países com mais de 2,5% da população em subalimentação crônica, com base em médias de três anos. O Brasil saiu pela primeira vez em 2014 (Bolsa Família, valorização do salário mínimo, agricultura familiar, emprego e controle da inflação de alimentos), voltou em 2022 (triênio 2019–2021) e saiu de novo a partir de 2023. O relatório de 2026 (triênio 2023–2025) confirma o país fora do mapa. A insegurança alimentar severa caiu a 0,6%, o menor nível da história, e 79% da população tem renda para uma dieta saudável: 20 milhões a mais em 2025 do que em 2021.

Wellington Dias: Destacou que, na primeira vez, o Brasil levou 11 anos para sair do mapa; agora, dois anos, o que chamou de recorde mundial. O país saiu dois anos antes da meta, graças a cerca de 60 políticas públicas. Contou que esperava chegar a 3% e se emocionou "como numa Copa do Mundo" quando a FAO anunciou, em Adis Abeba, que o Brasil estava abaixo de 2,5%. No mundo, a fome caiu de 750 milhões para 642 milhões de pessoas em 2025.

O problema é o acesso, não a produção

Wellington Dias: Lembrou a fome de sua infância no Piauí, quando faltava alimento e havia "frentes de serviço" em que se trabalhava por comida. Graças à Embrapa e à ciência, o Brasil tornou-se o quarto maior produtor de alimentos do mundo: a produtividade do arroz passou de 3–4 para 14 toneladas por hectare, e o cajueiro-anão produz no segundo ano. Ainda assim, havia 33,1 milhões de pessoas com fome. Logo, o problema é o acesso: "quem tem dinheiro compra; quem não tem, não". Daí a transferência de renda, que faz o dinheiro circular onde os pobres vivem e transforma a bodega em mercadinho e em feira. Observou que famílias rurais de baixa renda que produzem para o próprio consumo têm menos desnutrição do que as urbanas, o que justifica estimular a agricultura urbana.

A fome vivida: o depoimento do professor Joel

Joel: Contou que a fome foi sua "inimiga" durante a infância entre Parnarama (MA) e o Piauí. Os pais trabalhavam na colheita do arroz em troca de arroz. Ele desmaiou de fome numa sala de aula improvisada, depois de dois dias sem comer, e passava o dia olhando a ladeira à espera de que o pai voltasse com comida. Depois da separação dos pais, a família viveu numa ocupação, dividia um pão entre sete pessoas e o prato que a irmã trazia da casa da patroa. Comiam também o feijão do INAN. Para ele, a merenda escolar foi a primeira comida garantida todos os dias: comia metade e levava o resto para casa. A situação só melhorou com o Plano Real.

Wellington Dias: Compartilhou memórias semelhantes: o escaldado de farinha, o leite em pó distribuído na época e o chá de folha de laranja (e depois dos galhos) feito quando acabou o crédito na bodega, em Oeiras. Tirou três lições do relato. Com fome não se aprende. Quem passa fome não consegue planejar, só busca a próxima refeição. E não se combate a fome com paliativos: "ou faz para valer, ou não faz". Criticou o preconceito contra as políticas de segurança alimentar, como a ideia de que é absurdo "ficar dando comida".

Educação como alicerce para sair da pobreza

Wellington Dias: Defendeu que a educação é o alicerce e um "investimento feito uma vez só": a geração que conclui o ensino médio garante que filhos e netos não terão menos. Lembrou que estudou numa sala sem porta, com professora de quarta série. Contou que, quando assumiu o governo do Piauí em 2003, o professor ganhava 70% do salário mínimo, e que enfrentou os governadores contrários ao piso nacional dizendo que "se o Piauí pode, quem é que não pode?". Destacou que o Piauí saiu da penúltima para a segunda posição na educação e tem escola de tempo integral em toda a rede estadual. Disse ainda que 1,3 milhão de pessoas do Cadastro Único se formam por ano em nível técnico ou superior. Contou a história de Jardel, de Floresta do Piauí: auxiliar de pedreiro aos oito anos, voltou à escola por causa da condicionalidade do Bolsa Família, passou em Medicina num cursinho popular e hoje é médico, e a mãe virou professora concursada.

Joel: Atribuiu sua trajetória a oportunidades e à informação, e não à meritocracia. Contou da mãe semianalfabeta, que exigia escola acima de tudo, e da professora Alvina, que o incentivou a prestar vestibular quando a UESPI abriu um campus em sua cidade. Lembrou que só soube da aprovação na segunda chamada porque alguém mandou avisá-lo. Hoje é mestre e servidor concursado em Brasília.

Como explicar o Mapa da Fome aos alunos

Joel: Disse que os alunos estranham a notícia ("minha vizinha passa fome"). Explica que sair do mapa não significa que ninguém mais passe fome, e sim que o índice caiu abaixo de 2,5% (0,6%). Muitas famílias ainda não foram alcançadas por falta de informação. Orienta os alunos a procurarem o CRAS e o Cadastro Único, sem partidarizar, num ambiente muito polarizado.

Wellington Dias: Reforçou que o atendimento deve ser feito independentemente de partido. Lembrou que ainda restam 0,6% da população, cerca de 1,2 milhão de pessoas, muitas em situação de rua, que estão sendo localizadas por busca ativa.

Por que o Brasil voltou ao Mapa da Fome

Wellington Dias: Reconheceu o peso da pandemia, mas observou que ela atingiu outros países sem o mesmo efeito. Atribuiu o retorno ao "desmantelamento" de políticas (alimentação escolar sem reajuste, fim do PAA, do programa do leite e do apoio aos pequenos agricultores) e da economia: o Brasil caiu de sétima para décima segunda economia do mundo, com desemprego e 33,1 milhões de pessoas na fome. "Não é partido A contra partido B; é a realidade."

Do Bolsa Família ao emprego: como não voltar

Wellington Dias: Apresentou o Plano Brasil Sem Fome e o Plano de Superação da Pobreza. O programa Acredita oferece qualificação de adultos com o MEC (cerca de 11 milhões formados) e com o setor privado, conforme as vagas disponíveis em cada estado, e foi ilustrado pela história da eletricista que realizou o sonho da mãe de comprar maçãs verdes. Dos 5,4 milhões de novos empregos desde 2022, 91% ficaram com pessoas do Cadastro Único. Há ainda 10,4 milhões de pequenos negócios desse público, com crédito a 0,7% ao mês e fundo garantidor, e 8 milhões de pessoas saem da pobreza por ano. Explicou a regra de proteção: quem consegue emprego mantém o Bolsa Família enquanto a renda estiver abaixo de 706 reais por pessoa, recebe metade do benefício por até 18 meses depois de ultrapassar a linha, permanece no Cadastro Único e volta ao benefício sem fila se perder o emprego. O Bolsa Família atende hoje 19,5 milhões de famílias, com média de 700 reais.

Joel: Relatou que ouve com frequência o argumento de que ninguém quer assinar carteira para não perder o benefício, o que o ministro classificou como "mentira".

Um ecossistema de cerca de 60 programas

Wellington Dias: Descreveu políticas que atuam na renda e na despesa das famílias:

- BPC, para pessoas com deficiência;
- Farmácia Popular, com medicamentos gratuitos ou com grande desconto;
- Luz do Povo, tarifa social de energia (tarifa zero até 80 kWh e desconto de até 90% até 120 kWh);
- Pé-de-Meia, contra a evasão no ensino médio;
- Minha Casa, Minha Vida, com quitação dos contratos;
- cozinhas solidárias, para quem não consegue cozinhar (quase 3 mil cozinhas e 20 milhões de refeições);
- Alimenta Cidades e agricultura urbana;
- bancos de alimentos e desidratação contra o desperdício;
- compras públicas de alimentos indígenas (cerca de 100 milhões de reais, em Roraima);
- apoio a cooperativas, como a Aurora, que tirou 23 mil famílias do Bolsa Família;
- bolsa-atleta para talentos dos Jogos Escolares.

Resumiu: "É complexo; não é para amador".

Escola, saúde e alimentação escolar na prática

Joel: Relatou que, no CEF 27 (Sol Nascente, Ceilândia), há uma cozinha solidária ao lado da escola. O Serviço de Orientação Educacional encaminha alunos com dificuldades de aprendizagem às UBS e emite relatórios que permitem às famílias acessar o BPC. Muitos alunos vão à escola pelo lanche. Com fome, o aluno fica apático e "não se sente gente", porque "a fome tira a dignidade". Elogiou a qualidade atual da alimentação escolar (estrogonofe e feijoada no colégio estadual onde leciona em Águas Lindas).

Wellington Dias: Ressaltou que a melhora depende também da sensibilidade de prefeitos e governadores, que complementam os recursos federais. Defendeu a alimentação escolar e o Bolsa Família como as duas políticas decisivas contra a fome.

Agricultura familiar e PAA

Lucinéia de Jesus Domingos (vídeo): Liderança quilombola de Campo Grande (MS), lembrou que passou fome na infância. Celebrou a segunda saída do Brasil do Mapa da Fome e destacou a importância da agricultura familiar e do PAA para quem recebe os alimentos e para a dignidade dos pequenos produtores.

Riscos: guerra e mudanças climáticas

Wellington Dias: Alertou que a guerra eleva o preço dos insumos agrícolas, o que o governo busca conter. Disse que a mudança climática "é real": há seca em Roraima e inundações na Amazônia, em São Paulo e no Rio. "São os mais pobres que pagam a conta." Por isso, defendeu "um olho no prato e outro no gato".

Respostas rápidas e mensagens finais

Wellington Dias: Política decisiva: Bolsa Família e alimentação escolar. Brasil em 2030: "Brasil Sem Fome", com uma grande classe média alta e independente de outros mercados.

Joel: O que nenhum brasileiro deveria viver: "passar fome; ninguém merece". O que espera na mesa dos brasileiros: alimentos de qualidade e nutritivos. Aos alunos, pediu que aproveitem as oportunidades da escola pública, porque "a educação tira da fome e da pobreza" e "ninguém tira de você o que você aprende".

Érica Braz e Isadora Santos: Concluíram que sair do Mapa da Fome "não é uma linha de chegada" e exige continuidade, monitoramento e compromisso permanente, e que o mais importante são as pessoas por trás dos números. Divulgaram o Disque Social 121.